

ESPELHO DA MEMÓRIA: SYLVIA CAIUBY NOVAES ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2022.195267

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-3371-3918>

JEFERSON CARVALHO DA SILVA

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, ppgas@usp.br

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-0138-9815>

KELLY KOIDE

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, ppgas@usp.br

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-7470-8381>

LAILA ZILBER KONTIC

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, ppgas@usp.br

ORCID
<http://orcid.org/0000-0002-9889-4967>

LUIS FELIPE KOJIMA HIRANO

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil, ppgas.fcs@ufg.br

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-0582-7483>

MARIA LUIZA MAHARA

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, fla@usp.br

Podemos pensar na fotografia como algo que tem a ver com um efeito físico-químico, algo ligado a um tempo de viagens, a questões sociais, identificações de pessoas, coisas, eventos ocorridos. E é exatamente essa relação tão privilegiada da fotografia com a realidade que deveria aproximá-la da Antropologia, que tanto se esforçou por registrar, documentar e analisar a realidade social. A máquina de fotografar sonhos ainda não foi inventada, embora uma foto possa evocar exatamente a magia e o mistério daquilo que se registra com a câmera, o que dificilmente o texto científico consegue realizar.

(Sylvia Caiuby Novaes)

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.

(Walter Benjamin)

Para entrar no universo de Sylvia Caiuby Novaes, somos convidados a embarcar em uma verdadeira viagem. Para alguém que tem a fotografia como parte central de sua trajetória profissional e afetiva, não poderia haver uma forma melhor. Não há uma única porta ou grandes cerimônias, o convite nos leva a entrar em suas fotos como se fossem um carro, uma kombi, um avião, um barco ou uma canoa. Uma vez lá dentro, Sylvia nos leva com ela ao Mato Grosso, ao Alto Rio Negro, ao Paquistão, à Etiópia, à Inglaterra e à Escócia; seguimos com ela pisando na areia da praia, dançando nos bailes de carnaval da infância, assistindo às suas inesquecíveis aulas e vendo suas filhas, netos e neta crescerem. Caminhamos em frente à casa onde morou quando criança, seguimos olhando muitos rostos em retratos e autorretratos, acariciamos seus cachorros e também visitamos seus muitos amigos. Cada parada nesse longo percurso é especial: são as pessoas e os lugares que Sylvia conheceu, se afeiçoou e fez morada.

O ensaio visual que apresentamos a seguir é composto por fotografias dessa trajetória, sobre a qual indicamos o itinerário. No início da viagem, podemos acompanhá-la em suas primeiras idas a campo nos anos 1970, onde passa muitos meses entre os Bororo, no Mato Grosso, e depois fazendo pesquisas com suas filhas, Laura e Isabel, ainda pequenas, nos anos 1980. Ali, já é possível notar como a reciprocidade, as alianças, a imersão e a fotografia são partes fundamentais de seu método de pesquisa em campo, além de indicarem também sua forma de estar na aldeia e no mundo. Em viagem ao Alto Rio Negro, Sylvia junta a esses elementos uma outra paixão: a orientação das pesquisas de seus alunos. Seguimos em viagem à Etiópia, com sua filha Camila, que também lhe rende lembranças tão impressionantes quanto coloridas.

O percurso nos leva ao Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP, fundado por Sylvia em 1991. Todo o entusiasmo durante as aulas, a presença cotidiana, o cuidado com o jardim e o conhecimento sobre cada item do imenso acervo do LISA são uma verdadeira aventura. Como conta na entrevista publicada na *Gis* (2022), o LISA é, para ela, uma habitação e, nesse sentido, reflete a vida em coletividade.

Em uma curva, Claudia Andujar, Lux Vidal e Maureen Bisilliat embarcam na viagem. Esse encontro nos leva a uma visita à exposição “A luta Yanomami”, no Instituto Moreira Salles, em São Paulo, durante o projeto “Fotografias e trajetórias: Claudia Andujar, Lux Vidal e Maureen Bisilliat”, coordenado por Sylvia e financiado pela FAPESP. Ali, caminhamos pela

floresta de imagens que Claudia construiu entre os Yanomami, Lux entre os Xikrin e Maureen entre os povos do Xingu.

Deixando a floresta, partimos em sobrevoo para a casa de Sylvia, em São Paulo, quando seus mais de 30 orientandas e orientandos, de diferentes gerações, a entrevistaram. Muitas perguntas foram feitas, cujas respostas abriram caminhos inesperados. Mais do que revelar a si mesma, Sylvia permitiu que seus alunos e alunas conhecessem uns aos outros, compartilhando o interesse da entrevista entre todos. Uma experiência que provocou deslocamentos e permitiu seguir por zonas desconhecidas, onde se construiu um verdadeiro jogo de espelhos.

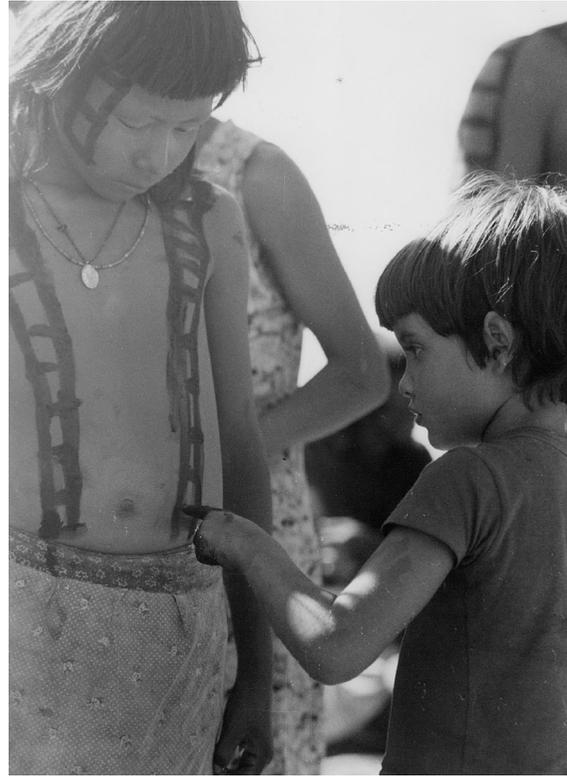
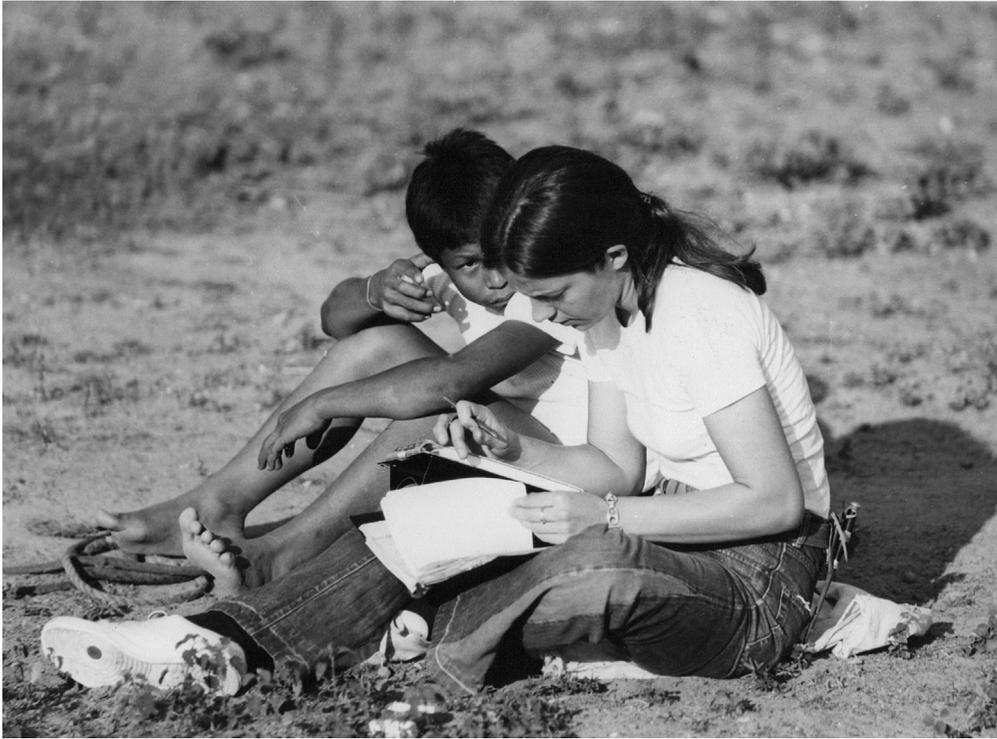
De volta ao chão, Sylvia nos recebe em sua casa para tomar um café com bolo. Ali, nos aventuramos pelo jardim: caquizeiro, jabuticabeira, amoreira, oliveira, pitangueira, congéia e begônias são personagens da casa, cheia de histórias. E então, a viagem se torna psicodélica, se deixarmos que imagem, magia e imaginação se misturem. Do lado de dentro da casa, Sylvia abre caixas, álbuns, pastas e gavetas, onde memórias se entreolham. Tudo isso contado com fotografias, cujo silêncio eloquente diz muito, mas não tudo: como alguém que sabe contar uma boa história, é a narrativa de Sylvia que “acorda” as fotografias e revela seus segredos. Mesmo nas memórias, há uma abertura para a surpresa, que anima as imagens. Como ela questiona: “Como dizer o indizível, como tornar inteligível aquilo que é, antes de mais nada, do domínio do sensível?” (2005). É essa inquietação constante do pensamento e do desejo que reenquadra imagem e memória, onde as fotografias não são capturas de momentos. São, antes de tudo, o movimento de um olhar ativo e criativo: em meio aos acontecimentos vividos e lembrados, há também algumas frestas e marcas dos dedos que são próprias de tudo o que está em permanente criação.

Imagem de Abertura: As linhas da vida de Sylvia. **Desenho:** Luis Felipe Kojima Hirano, 2021.



O CAMPO























Prancha 01. Sylvia Caiuby Novaes na aldeia, com prancheta e caderno de campo em mãos, carregando sua câmera fotográfica. Mato Grosso, Córrego Grande. O nome que os Bororo lhe atribuíram é Kuogori Pijiwuda, "Aquele que veio do morro em que nascem as flores amarelas do Paratudo". **Foto:** Acervo pessoal de Sylvia Caiuby Novaes, 1973.

Prancha 02. Sylvia fazendo levantamento genealógico na aldeia de Córrego Grande em 1973 em diálogo com Kogenawo, um jovem Bororo. Laura e Isabel, suas filhas, trocam pinturas corporais entre si, 1983. **Fotos:** Acervo pessoal de Sylvia Caiuby Novaes.

Prancha 03. Retrato de Sylvia por Jorge Eduardo Leal Medeiros. **Foto:** Acervo pessoal de Sylvia Caiuby Novaes, 1973.

Prancha 04. Em destaque, Laura e Isabel, filhas de Sylvia, 1983. No canto direito, Sylvia e uma criança Bororo nadando no Rio São Lourenço, 1970. **Fotos:** Acervo pessoal de Sylvia Caiuby Novaes.

Prancha 05. Crianças Hupd'ah brincando de construir casa, Alto Rio Negro. **Fotos:** Sylvia Caiuby Novaes, fevereiro de 2012.

Prancha 06. Casa feita por crianças Hupd'ah. **Fotos:** Sylvia Caiuby Novaes, fevereiro de 2012.

Prancha 07. Acima, cesto feito pelas mulheres Hupd'ah. Abaixo, detalhes da fogueira e rede no interior de uma das casas no Alto Rio Negro. **Fotos:** Sylvia Caiuby Novaes, fevereiro de 2012.

Prancha 08. A viagem de barco entre São Gabriel da Cachoeira e a aldeia Hupd'ah, às margens do Tiquié, dura dois dias. **Fotos:** Sylvia Caiuby Novaes; retrato de Sylvia por Danilo Paiva Ramos, fevereiro de 2012.

Prancha 09. Em viagem ao sul da Etiópia, Sylvia buscou contrapor, em suas imagens, aquelas que as pessoas têm

em mente quando pensam nesse país, imagens estas que se cristalizaram após um período de fome entre 1983-1985 em que morreram cerca de um milhão de pessoas. Único país africano que não foi colônia, esse país multilíngue, com mais de 80 grupos etnolinguísticos, apresenta uma diversidade e uma riqueza cultural igualmente impressionantes. A fotografia superior, apresentada em uma exposição, foi exibida inicialmente sem a mulher à direita, pois ela parecia destoar das outras duas, que usam adornos. Em uma exposição posterior, Sylvia fez uma reflexão sobre as fotos que havia escolhido e como havia montado a exposição, deixando a foto como havia sido originalmente tirada. Na foto inferior, o "travesseiro de madeira": trata-se de um objeto que a maioria dos homens carrega para onde vai e é esse "travesseiro" que se vê na mão desse homem. **Fotos:** Sylvia Caiuby Novaes, 2017.

Prancha 10. Sylvia e Camila, sua filha, em campo na Etiópia. **Fotos:** Sylvia Caiuby Novaes, 2017.

Prancha 11. Na Etiópia, um grupo de pessoas observa o carro onde estavam Sylvia e sua amiga Elizabeth Ewart, antropóloga inglesa docente na Universidade de Oxford, que é casada com Tadesse Wolde, antropólogo etíope que era, na época, coordenador do Christensen Fund, entidade que financia projetos de revalorização cultural no sul da Etiópia. Os carros são quase como OVNI's na região, é um evento. Em uma segunda exposição, a mesma fotografia foi apresentada junto da outra imagem, que mostra o lado de dentro do carro - o que, afinal, as pessoas estavam olhando. Isso mostra um movimento de olhar e ser olhado. **Fotos:** Sylvia Caiuby Novaes, 2017.

LABORATÓRIO DE IMAGEM E SOM EM ANTROPOLOGIA





Prancha 01. Sylvia com seus alunos no auditório do LISA. **Foto:** Bianca Vasconcellos, 2017.

Prancha 02. Reunião para olhar as fotos do acervo Xikrin reunido por Lux Vidal. Sentadas à mesa (da esquerda para a direita), Sylvia Caiuby Novaes, Mariana Flória Baumgaertner, Lux Vidal e Isabella Finholdt. Ao fundo, em pé, Mihai Leaha. **Foto:** Paula Morgado, 2019.

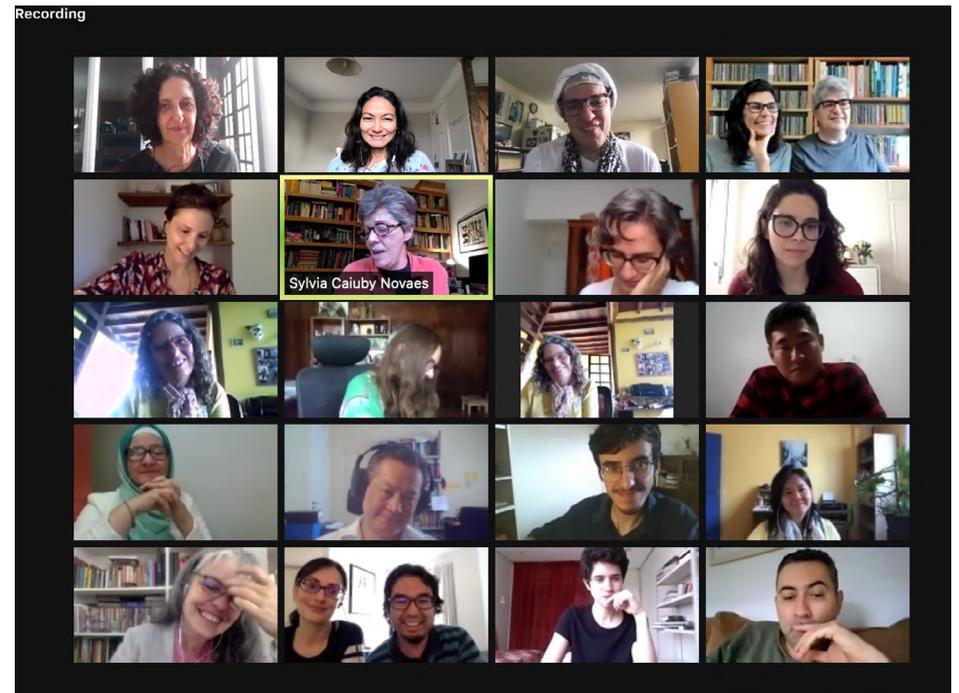
CLAUDIA ANDUJAR, LUX VIDAL E MAUREEN BISILLIAT



Prancha 01. À esquerda, Sylvia Caiuby Novaes, Claudia Andujar e Lux Vidal na exposição “A Luta Yanomami”, no Instituto Moreira Salles Paulista. **Foto:** Laila Kontic, 2018. À direita, Claudia Andujar e Maureen Bisilliat na inauguração do Instituto Moreira Salles - Paulista. **Foto:** Sylvia Caiuby Novaes, 2017.

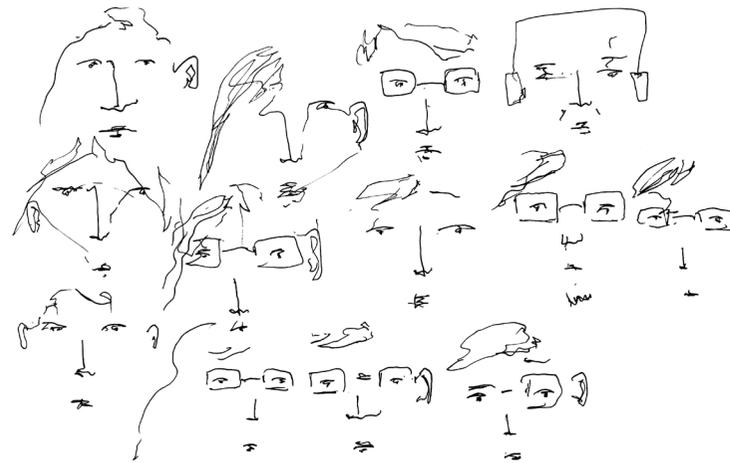
A ENTREVISTA











Prancha 01. Sylvia em seu escritório. **Foto:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 02. À esquerda, Sylvia em entrevista com seus orientandos. À direita, uma captura de tela do computador de Sylvia durante a entrevista. **Foto:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 03. Gestos e anotações de Sylvia no dia da entrevista. **Foto:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 04. Bastidores da filmagem realizada por Ricardo Dionísio Fernandes, técnico especializado em audiovisual do LISA; Maíra Bühler, cineasta e ex-orientanda de Sylvia; e Iago Calmon Angeli, monitor da área de audiovisual do LISA. **Foto:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 05. Sylvia e desenhos feitos no dia da entrevista. **Foto:** Rafael Hupsel, 2021; **Desenho** (superior à direita): Tatiana Lotierzo, 2021; **Desenho** (inferior à direita): Jeferson Carvalho, 2021.

A CASA























Prancha 01. Sylvia com sua primeira câmera fotográfica, que ganhou aos 6 anos. **Fotos:** Rafael Hupsel, 2021 (à esquerda); acervo pessoal de Sylvia Caiuby Novaes, c. 1955 (à direita).

Prancha 02. No jardim de sua casa, em meio a muitas árvores frutíferas. Olhando o caquizeiro, carregado de frutos ainda verdes que serão colhidos somente no inverno (acima). Sylvia mostra também a oliveira que sua prima Fernanda plantou quando nasceu a neta Olívia (abaixo). **Foto superior:** Laila Kontic, 2021. **Foto inferior:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 03. Enquanto acaricia Zara, explica que o outro cão, Maui, havia passado recentemente por uma cirurgia na pata dianteira e precisava usar um “colar elizabetano” para não lamber os pontos, que ele arrancava com frequência. **Foto:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 04. Memórias de diferentes temporalidades convivem na sala. Vaso de cristal, presente de sua orientadora, Thekla Hartmann, quando defendeu sua tese de doutorado na USP. Detalhe da câmera analógica Plik, produzida no Brasil nos anos 1950 e 1960 (abaixo). **Fotos:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 05. Manuseando a câmera fotográfica, Sylvia traz à tona memórias e gestos de quando fotografava na infância. Ao fundo, foto colorizada de Alice, sua avó materna (c. 1930). **Fotos:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 06. As fotografias estão em todos os cômodos da casa. Após preparar um café, Sylvia mostra a porta da cozinha, por ela pensada para fixar e fazer montagens de fotos com imãs, sobretudo de sua história familiar, onde diversos momentos se avizinham. **Foto superior:** Laila Kontic, 2021. **Foto inferior:** Kelwin Marques, 2021.

Prancha 07. Muitos álbuns e caixas de fotos conduzem as trajetórias profissional e pessoal de Sylvia, que se mesclam ao mostrarem suas filhas durante as pesquisas de campo e interlocutores do campo em momentos da vida cotidiana. **Fotos:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 08. Detalhes de sua viagem ao Paquistão, em 1994, quando filmou e fotografou o casamento de Sonia e Omar, cujas comemorações tipicamente duram um mês (acima). A viagem resultou no filme “Um casamento no Paquistão” (1994): <<https://www.youtube.com/watch?v=q9dwdC4-3ncos>>. Registros de Laura na aldeia Bororo no ritual de nomeação (abaixo). **Foto superior esquerda e foto à direita:** Rafael Hupsel, 2021. **Foto inferior esquerda:** Kelwin Marques, 2021.

Prancha 09. Cadernos e diários de campo de suas pesquisas entre os Bororo. Detalhe das fichas padronizadas que, de acordo com Sylvia, todos os alunos de Thekla Hartmann deviam organizar a partir dos dados obtidos em campo (acima). **Fotos:** Laila Kontic, 2021.

Prancha 10. Gavetas com milhares de negativos, de onde saíram muitas das fotografias usadas nas montagens em sua tese de Livre-docência na USP. **Fotos:** Rafael Hupsel, 2021.

Prancha 11. “Sylvia atrás das bolsas de pesquisa”, foto na Estação da Luz, tirada por seu amigo Miguel Pacheco Chaves, c. 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Benjamin, Walter. 1996. *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas 1*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

Caiuby Novaes, Sylvia. 2005. Usos da imagem na antropologia. In: Samain, Étienne. *O fotográfico*. São Paulo: HUCITEC, 113-119.

RESUMO

Para entrar no universo de Sylvia Caiuby Novaes, somos convidados a embarcar em uma verdadeira viagem. Para alguém que tem a fotografia como parte central de sua trajetória profissional e afetiva, não poderia haver uma forma melhor. Este ensaio visual, construído a muitas mãos, é composto por fotografias dessa trajetória sobre a qual indicamos o itinerário. Resultado de longas conversas, visitas aos arquivos e às memórias de Sylvia, as montagens que apresentamos a seguir nos levam a conhecer pessoas e lugares que a antropóloga se afeiçoou e fez morada. Em um jogo de espelhos, Sylvia revisita diferentes momentos de sua trajetória, costurados numa trama onde os acontecimentos vividos e lembrados nos revelam algo próprio de tudo que está em permanente criação.

PALAVRAS-CHAVE

Antropologia
Visual; fotografia;
montagem;
trajetória; Sylvia
Caiuby Novaes.

ABSTRACT

To enter Sylvia Caiuby Novaes's universe, we are invited to come aboard on a real journey. For someone who has photography as a central part of her personal and affective trajectory, there could not be a better way to enter it. This visual essay, built with many hands is a composition of photographs from this trajectory, about which we indicate its itinerary. This montages result from long conversations, and research on Sylvia's archives and memories; they take us to meet people and places that this anthropologist has loved, and where she has built homes. In a play of mirrors, Sylvia revisits different moments of her trajectory, sewn in a weft where lived and remembered events reveal to us something typical of everything that is constantly being created.

KEYWORDS

Visual
Anthropology;
photography;
montage;
trajectory; Sylvia
Caiuby Novaes.

Jeferson Carvalho da Silva é mestrando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Pesquisador do Laboratório de Desenho & Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (LABareDA – UFPB) e do Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem da Universidade Estadual de Campinas (LA'GRIMA – Unicamp). Estuda processos artísticos, gráficos e visuais enquanto forma de investigação e descrição etnográfica. E-mail: jefercarvsilva@gmail.com

Kelly Koide é doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio na Université Lyon I. É pós-doutoranda no Departamento de Antropologia da USP, onde realiza pesquisas sobre a trajetória e a obra de Claudia Andujar e Maureen Bisilliat. Pesquisadora do Grupo de Antropologia Visual (GRAVI – USP). E-mail: kelly.koide@usp.br

Laila Zilber Kontic é mestranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. E-mail: laila.kontic@usp.br

Luis Felipe Kojima Hirano é professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Email: lfhirano@ufg.br

Maria Luiza Mahara é graduanda em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) e bolsista do Programa Unificado de Bolsas (PUB), atuando no projeto "Antropologia Online: produção de conteúdo para difusão e divulgação científica em Antropologia das Formas Expressivas no âmbito do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP". E-mail: mariamahara@usp.br

Contribuição de autoria. Jeferson Carvalho da Silva, Kelly Koide, Laila Zilber Kontic, Luis Felipe Kojima Hirano, Maria Luiza Mahara: concepção, coleta e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 24/02/2022
Aprovado: 25/03/2022